

MATRIZES MORFOLÓGICAS EM GUIMARÃES ROSA

Francisco da Silva Borba

I — INTRODUÇÃO:

1 — *Preliminares*

Até agora, a morfologia, entendida como ciência das formas¹ tem sido focalizada sob um ponto de vista exclusivamente descritivo: feito o levantamento e classificação dos morfemas através de técnicas mais ou menos apuradas de identificação e apreensão, parece estar o trabalho concluído e não despertar mais interesse. Mesmo em nível teórico, as discussões (e dissensões) vêm sendo carreadas para a problemática das chamadas partes do discurso ou para o valor operacional das categorias flexionais, assunto mais do âmbito de uma morfo-sintaxe do que da morfologia estrita. Têm polarizado a atenção dos estudiosos os extratos mais atraentes da estrutura lingüística, quais sejam a fonologia, a sintaxe e a semântica.

Esse estado de coisas talvez se deva ao fato de que aqueles tópicos que poderiam ser rotulados como morfológicos são comumente transferidos para a fonologia, enquanto estrutura fonológica, ou para a semântica, enquanto combinatória de significados.²

A tarefa do morfólogo, porém, não se esgota com a mera descrição dos morfemas. Dependendo do tipo de enfoque, a morfologia pode tornar-se um campo fecundo de investigação.

(1) Forma no sentido tradicional de unidade superior resultante de estruturação fônica.

(2) No primeiro caso, discute-se, por exemplo, o condicionamento fônico dos alomorfes e, no segundo, a formação de palavras pela combinação de afixos e raízes. Nossas gramáticas se limitam a fornecer listas de afixos com suas significações e origem ou a enumerar os tipos flexionais.

2 — *Uma perspectiva de enfoque*

Partindo do princípio de que a língua é inventividade, é força criadora, decidi fazer um levantamento de estruturas mórficas para averiguar em que medida elas se constituem em “recursos de estilo”. É um trabalho experimental que envolve algumas decisões.

2.1 — *O autor*

Escolhi Guimarães Rosa não porque seja tido como um marco na prosa literária brasileira, mas por estar convicto de que o estímulo rosiano, sendo, como não poderia deixar de ser, conscientemente elaborado, se caracteriza pela utilização, em proporções iguais e em séries paralelas, de recursos buscados em todos os níveis da estrutura da língua. Sendo assim, por que deixaria ele de lado a morfologia?

2.2 — *O texto*

Optei pelo *Recado do Morro*, conto pertencente à *parábase do Corpo de Baile*, segundo a estruturação feita para a 1.^a edição (José Olímpio — 1956) em dois volumes. Isso por duas razões — primeiro, porque a narrativa está mais ou menos na metade cronológica da produção do grande mineiro e, segundo, por ser pouco marcada por grandes artificios de fabulação. Trata-se de uma narração descritiva e mais ou menos linear de uma viagem de cinco homens por uma região montanhosa até chegarem a um arraial. Durante a jornada é transmitido, por etapas, um recado pela boca de indivíduos mentalmente descompensados, até se transformar numa canção popular.

2.3 — *Objeto da investigação*

Partindo do discurso realizado, procurei detectar qual é a mecânica morfológica que faz parte de um código estilístico, ou melhor, quais são as regras morfológicas que determinam um código específico em oposição às regras do código linguístico considerado como neutro ou não marcado. Tal atitude me levaria à gênese daquilo que se poderia chamar estilo.

Se a codificação da experiência, que tem caráter globalizante e contínuo, se faz por um código demasiadamente genérico e abstrato por conter regras gerais de estruturação, então o codificador enfrenta, de início, duas dificuldades: (i)

— adequar o código à experiência a ser transmitida, o que implica necessariamente uma primeira operação de desbaste com perda daqueles dados não ajustáveis à natureza do código e (ii) — saber utilizar as regras que transformam a experiência em discurso. Quanto maior for sua habilidade nessa transposição, menor será o resíduo.

Em se tratando do texto literário, diria que ele será tanto mais marcado esteticamente quanto mais adequada for a codificação e o talento do escritor se mostrará pela maneira como ele utiliza as regras gerais do sistema lingüístico, uma vez que tais regras, sendo mais abrangentes, possibilitam maior aproveitamento de dados. Se a criação de traços estilísticos implica a anulação de regras particulares, então a gênese do estilo está na estrutura profunda. Disto se infere que o estilista não cria nem viola regras, mas anula aquelas que se aplicam apenas à estrutura superficial. É por isso que o estilo não pode ser concebido como *desvio*: uma estrutura estilística nunca é agramatical, variando apenas em grau de aceitação, fato que a faz vincular-se à teoria dos contextos.

2.4 — *Corpus e inventário*

O material para análise foi levantado a partir do critério de arqui-leitor.³ Foram selecionados 29 leitores, todos professores secundários de Português, mais o analista, e retiveram-se os itens léxicos assinalados, pelo menos, por 15 leitores, ou seja, 50% do total, em duas leituras sucessivas. A soma chegou a 657 estruturas vocabulares. Desse montante, estabeleceu-se um inventário de 529 formas que preenchiam as seguintes condições:

1.º Ser estrutura complexa (raiz + afixo). Sendo verbo, deverá resultar de nome + sufixo verbal.

2.º) Sendo simples, deverá resultar de:

- a) Jogo particular de desinências flexionais.
- b) Aplicação de algum mecanismo morfológico — anulação de afixos, aumento, redução ou alteração fônica.
- c) Lexicalização pessoal.⁴

(3) Termo proposto por Rifaterre — *Estalítica Estrutural* S. Paulo, Cultrix, 1973 [trad. de Anne Arnichand e A. Lorencini], p. 44-51 para designar não uma média de leituras, mas um levantamento resultante de uma soma de leituras com base naquilo que os leitores assinalaram como *estímulos*.

(4) Toda referência quantitativa ou percentual será feita com base nesse inventário.

II — ALGUMAS ATITUDES TEÓRICAS

1 — *Estilo e estilística*

Decidido o tipo de enfoque e delimitado o corpus, é necessário tomar posição quanto a alguns conceitos operacionais não só para coerência interna como também para o pretendido alcance da análise.

Em primeiro lugar, vejamos o que entendo por estilo, propriedade estilística e abordagem estilística. A *estilística estrutural* está em pleno desenvolvimento principalmente nos Estados Unidos. Ela parte do princípio de que há, na linguagem, uma *função estilística* pela qual o signo se impõe ao receptor e, portanto, constitui-se numa parte da lingüística que estuda a percepção da mensagem. Daí conceber o estilo como uma forma de comunicação uma vez que todo processo estilístico opera na expressão lingüística entendendo-se processo estilístico como tudo aquilo que chama a atenção sobre o signo. Há processo estilístico sempre que um determinado padrão se quebra por um elemento imprevisível, o que nos leva a entender a estrutura estilística como uma seqüência de elementos marcados em contraste com outros não marcados, formando uma dicotomia inseparável. Em conseqüência, os traços estilisticamente pertinentes devem ser procurados num contexto mínimo por resultarem de uma combinatória e não de propriedades inerentes às formas em si mesmo consideradas. Por exemplo, em “um gavião vistoso” (p. 390), a forma grifada é um fato de estilo, não pelo uso do morfema de grau, mas pela anulação de uma regra de condicionamento fônico, de aplicação automática. Os traços estilísticos são identificáveis porque, impondo-se à atenção do leitor, distinguem-se dos fatos meramente lingüísticos não podendo ser omitidos sem que se deturpe a mensagem *intencionalmente* codificada por expedientes vários que lhe dão especificidade, criando-se, assim, o *estímulo estilístico*.

O estilo é, portanto, o conjunto de traços distintivos de uma obra escrita com intenção literária, isto é, obra destinada a provocar uma reação estética através de marcas formais. Constituem propriedades estilísticas todas aquelas elaborações destinadas a chamar a atenção: intensificação, coloração emotiva, conotação, jogo de propriedades fônicas etc.⁵

(5) Para uma abordagem estrutural da Estilística, seus conceitos e métodos, consultar Rifaterre, o.c..

2 — Matrizes e regras de implicação

Na fase descritiva desse trabalho decidi operar com matrizes⁶ e verificar até que ponto se anulam as regras de sua aplicação. Isso permite compreender a estrutura profunda partindo da variedade e/ou complexidade dos fatos manifestos. Na verdade, o processo de análise abrange três níveis — a manifestação, a estrutura superficial e a estrutura profunda. Esse enfoque evita considerações inúteis como, por exemplo, sobre a oposição estilo/norma ou sobre a agramaticalidade ligada a fenômenos de estilo: encara-se a língua como um conjunto de possibilidades e o estilista como um codificador altamente sensível a elas.

III — ANÁLISE MORFOLÓGICA

1 — Redução de enfoque

Como estou interessado no mecanismo morfológico cuja utilização, no caso presente, constitui-se numa elaboração consciente que extrapola os limites comuns, criando uma descontinuidade mórfica geradora do fato estilístico, deixei de lado os processos externos de enriquecimento do léxico (os empréstimos por transferência de um registro a outro) por tratarem eles de mera seleção vocabular.⁷

2 — Descrição do mecanismo morfológico

2.1 — Combinatória de afixos e raízes

A combinatória de afixos e raízes que torna o léxico uma lista aberta segue duas linhas gerais: (i) — combinação de formas presas (afixos) e formas livres (raízes) e (ii) — combinação de formas livres por meio de certos tipos de soldagem (aglutinação — ex.: *grandarte* — p. 452 e justaposição — ex.: *guarda-pó* — p. 388). Para ambos os casos, é possível construir matrizes com as respectivas regras de implicação. Para o primeiro, teremos:

(6) *Matriz* — fórmula que reflete, in abstracto, as propriedades gerais do sistema. No caso, matriz morfológica é uma fórmula explicativa de qualquer estrutura mórfica.

(7) A propósito do vocabulário de Guimarães Rosa há vários estudos, entre os quais citamos: Mary Lou Daniel — *Travessia Literária*, Rio, José Olympio, 1968 e Nei Leandro de Castro — *Universo e Vocabulário do Grande Sertão*, Rio, José Olympio, 1970.

Matriz I

$$\boxed{\pm \text{ Prefixo} + \text{ Raiz} \pm \text{ Sufixo}} \rightarrow \boxed{\pm P + R \pm S}$$

de onde se depreendem as seguintes propriedades:

1.º) A raiz é constante e os afixos são variáveis. Daí se infere que a raiz é livre e os afixos, presos.

2.º) A posição dos elementos é estabelecida e fixada sempre em relação à raiz.

Essa matriz, estando na estrutura profunda, só contém regras gerais — regras não contraditórias que possibilitam a interpretação semântica.

Do ponto de vista da estrutura superficial há regras restritivas que disciplinam a aplicação da matriz para gerar estruturas aceitáveis. Assim:

— A aplicação da matriz é numericamente limitada. Por exemplo: Duas vezes para prefixação e até três vezes para sufixação salvo, para esta última, se se tratar da adjunção de sufixos flexionais. Exemplo:

figurar > configurar > reconfigurar

amor > amoroso > amorosissimamente

— Havendo mais de um afixo, eles se distribuem em classes de posição. Exemplo: Entre *con-* e *re-*, *con-* é de 2.ª ordem e *re-*, de 1.ª, isto é, precede imediatamente a raiz.

Uma estrutura do tipo de *amorosissimamente* obedece sempre à ordem : 1.º) — sufixo adjetivador, 2.º) — sufixo de grau, 3.º) — morfema de gênero, 4.º) — sufixo adverbial.

— A combinatória dos afixos é condicionada pela classe ou subclasse das raízes segundo a fórmula A + B. Exemplo:

O prefixo *re-* só se aplica a raízes verbais — refazer, redobrar, recorrer. ⁸

O prefixo *des-* só se aplica a raízes verbais se elas indicam processo reversível — desfazer, desligar, despregar.

(8) Os nomes são deverbais ou derivados também de raízes verbais — *redobro, refacção, recurso* etc..

O sufixo *-ão* só se aplica a nomes contáveis — dentão, paredão, carroção.

O sufixo *-onho* (= propriedade, hábito constante) só se aplica a nomes abstratos ou a adjetivos — medonho, tristonho, risonho.

— Há afixos que requerem uma estrutura fônica específica da raiz para serem usados. Exemplo: O incoativo *-ecer* só se une diretamente à raiz, se ela começar por vogal escuro → escurecer), caso contrário, exige um aumento em e / ê / a (maduro → amadurecer, tarde → entardecer, nobre → enobrecer).

São regras desse tipo que controlam a estruturação lexical, garantindo a coerência do sistema. Ora, quem cria estilo não pode sujeitar-se a regras restritivas que aumentam a previsibilidade e diminuem a carga informativa: em estilo não pode haver contexto constante. A solução consiste, portanto, em anular tais regras para aproveitamento máximo das virtualidades do código lingüístico. A aplicação pura e simples da matriz não só aumenta o grau de informação de cada unidade por causa do aumento numérico como também evidencia o contraste entre estas formações e aquelas sujeitas às regras de implicação.

É assim que procede Guimarães Rosa para criar sempre a ilusão do contexto novo.

Vejamos como:

1.º) *Prefixação*

São selecionados os prefixos *bem-*, *con-*, *contra-*, *de-*, *des-*, *en-*, *entre-*, *inter-*, *mal-*, *per-* e *re-*, como absoluta prioridade para *des-* (18 ocorrências) seguido de *re-* (12 ocorrências).

Fora estes, ainda aparecem o erudito *cis-* (cismarro p. 401), os empréstimos gregos *páleo-* (*páleo-cão* — p. 390), *proto-* (*protopantera* — p. 390), *ec-* (*ecfônico* — p. 397), o adjetivo *meio-* (*meio-lembrar* — p. 418, *meia-esquelha* — p. 455), as preposições *por* e *sem* (*por-socorro* — p. 394, *senvergonha* — p. 436) e uma cunhagem pessoal — *vis-* (< bis), de valor superlativo: em *vismau* (p. 455, = muito mau).

As formas prefixadas constituem dois conjuntos — as dicionarizadas e as cunhagens pessoais. As primeiras resultam de possibilidades raras de escolha e aparecem pela sua especificidade, valor descritivo ou efeito pitoresco. Exemplos:

revir (p. 455), *ressurtir* (p. 390), *desapear* (p. 400), *desengraçado* (p. 404), *desapoderado* (p. 422), *despassar* (p. 450), *descantar* (p. 453), *descompasso* (p. 435), *entre-casco* (p. 421).

O segundo conjunto visa sempre a evitar o prosaísmo ou a neutralidade do termo simples.

A anulação das regras restritivas permite os seguintes expedientes:

a) Uso de prefixos que intensificam o valor da raiz ou radical. Exemplos: *rebeber* (p. 456), *rechupar* (p. 400), *realegre* (p. 459), *remelhor* (p. 433), *sobrefartura* (p. 412), *sobreencher* (p. 417), *pervoo* (p. 423), *conconversa* (p. 408).

b) Transformação de sintagmas livres em sintagmas presos para economia sintagmática e/ou empastamento semântico. Exemplos:

não carecer → *descarecer* (p. 393)

movimentando os braços → *desbraçando* (p. 397)

passando em vôo inclinado → *destombado* (p. 399)

sem prumo → *desprumo* (p. 458)

sem governo → *desgoverno* (p. 463)

como num fundo musical → *de transmúsica* (p. 407)

depois disso → *trastanto* (p. 409)

figuras *tidas* como milagrosas → figuras *sobreditas* milagrosas (p. 425)

dançando mal → *maldançando* (p. 438)

pouco cheio → *malcheio* (p. 415)

contra o sol → *a contra-sol* (p. 459)

tirar o rosário do bolso → *desembolsar* o rosário (p. 409)

outra vez desperto → *redesperto* (p. 414)

visto através de (lentes) → *transvisto* (p. 457)

c) Uso de prefixos com valor semântico neutro para frisar o significante por robustecimento. Exemplos: *reconforme* (p. 420), *recampo* (p. 438), *desestremecer* (p. 451), *desdeixar* (p. 451), *desrasgar* (p. 452), *defugido* (p. 407), *sobredizer* (p. 395), *engolpe* (p. 387).

d) Alternância de prefixos, anulação deles em formas cristalizadas, metanálise ou reanálise com substituição do parcial:

irregular → *desregral* (p. 412)
inacabado → *desacabado* (p. 443)
super-lobo → *sobrelobo* (p. 427)
super-dona (?) → *sobredona* (p. 448)
desajuizado → *malajuizado* (p. 412)
afastar → *defastar* (p. 407)
desmoronar → *moronar* (p. 463) (= elevar-se)
desvencilhar → *vencilhar* (p. 463) (= prender)
reaconselhar → *reconselhar* (p. 402)
desafastar (pop.) → *desfastar* (p. 455)
cerimônia → *falsimônia* (p. 455)
malbaratar → *bembaratar* (p. 434) (= economizar)

e) Prefixos com seu valor comum, mas em discordância com a raiz, ou seja, anulação de regras distribucionais. Exemplos: *reavindado* (p. 447), *desvir* (p. 436), *desladear* (p. 443), *desengulido* (p. 390), *despés* (p. 405), *desesticado* (p. 405), *desviajar* (p. 433), *transquanto* (p. 456), *transfalar* (p. 452).⁹

2.º) Sufixação

Quanto aos sufixos temos *-mente*, *-mento*, *-ção*, *-ado*, *-oso*, *-ol*, *-al/ar*, *-ante*, *-ã*, *-az*, *-eiro/a*, *-engo*, *-ico*, *-ola*, *-ança*, *-vel*, *-ento*, *-agem*, *-elo*, *-ão*, *-inho*, além de dois elementos de composição emprestados ao tupi: *-quara* (= toca, morada) em *urubuquara* (p. 397) e *-rana* (= semelhança — cf. *brancarana* — mulata clara) em *alemão-rana* (p. 387).

Os mais produtivos são *-oso*, *-mento*, *-ado*, *-ção* e *-eiro*. Quanto a *-ol* que alterna com *-ola* (cf. *terreol* — p. 459 e *terreola* — p. 411, *ninhol* — p. 388) é empréstimo latino: *-olus,a*; *-ã* é forma neológica conseguida a partir de *-ana* (fem. de *-ano*, *-ão* = natureza, origem, procedência — ex.: *serrano* e *serrão*), como se vê em *noroesteã* (p. 387), *entremontã* (p. 389), *campã* (p. 391), *melodiã* (p. 456) e *memoriã* (p. 459).

No primeiro conjunto lexical (formas dicionarizadas), os itens buscam os mesmos efeitos das formações prefixais —

(9) Aqui as palavras mais esperadas seriam, por exemplo, *voltar para desvir* e *des-tornar*; *enquanto para transquanto*; *devolvido para desengulido*; *encolhido para desesticado*.

brenhoso (p. 401), *demoroso* (p. 408), *negocioso* (p. 449), *dinheiroso* (p. 417), *seguimento* (p. 426), *desatamento* (p. 455), *habituação* (p. 451), *mandadeiro* (p. 424 = mensageiro), *estranhável* (p. 431), *convinhável* (p. 460), *famanaz* (p. 392), *malucagem* (p. 427), *terrento* (p. 419). Aparecem também alguns regionalismos:

ambicioneiro (p. 394) = ambicioso (Minas e R.G. do Sul)
valeiro (p. 402) = que trabalha em abrir valos (Minas)
vazanteiro (p. 433) = que mora nas vazantes (Minas)
poetagem (p. 434) = invenção, loquacidade (Minas e S. Paulo)

No segundo conjunto (formações pessoais), o mecanismo também segue mais ou menos o anterior:

a) Condensação para economia sintagmática — Aqui há dois grupos bem nítidos: (i) substituição das locuções adverbiais pelo derivado em *-mente* e (ii) — substituição de orações adjetivas pelo correspondente adjetivo derivado.

- (i) — de modo direto → *dereitamente* (p. 406)
muitas vezes → *bastantemente* (p. 391)
de outro modo → *outramente* (p. 432)
em cruz, no cruzamento → *cruzmente* (p. 450)
em suprimento → *supridamente* (p. 450)
- (ii) — nuvens que têm a cor do oceano → nuvens *oceanas* (p. 397)
pedra que enfeita → pedra *enfeitosa* (p. 413)
... que tem azinhavre → *zinhavral* (p. 402)
... que agarra → *agarrante* (p. 390)
... que avança → *avançante* (p. 396)
... que circunvoa → *circunvoante* (p. 424)
... que (a)calca → *recalcante* (p. 389)
... que se pode entender → *entendível* (p. 408)
... (a)praz → *prazível* (p. 410)

b) Alternância livre de sufixos:

corrigimento (p. 406) por correção
imaginamento (p. 406) por imaginação
remimento (p. 436) por remição
ardição (p. 421) por ardimento, ardência
andação (p. 434) por andamento

maravilhal (p. 388) por maravilhoso
confortoso (p. 402) por confortável
favoroso (p. 407, 422) por favorável
discordioso (p. 451) por discordante

c) Distribuição livre dos sufixos quer com relação à classe ou subclasse da raiz, como em *sarrosa* (p. 406), *estroso* (p. 436 = cheio de esgares), *algarismal* (p. 443), *sapinho* (p. 427 = sapo monstruoso), *salitrado* (p. 389 = que tem salitre), quer com relação à própria estrutura mórfica da raiz, ou seja, adjunção do sufixo ao radical primário (= raiz) quando se esperaria, na mesma operação, um radical secundário. Por exemplo, em vez de *esbranquiçado*, *amalucado*, *aprazível*, *embeleazar*, deparamos poeira *brancada* (p. 427), vira-mundo *malucal* (p. 435), *prazível* era (p. 410), *beleazar* (p. 433).¹⁰

d) Acréscimo do sufixo para encorpar o significante ou, ao contrário, redução deste por anulação ou truncamento de sufixos.

Exemplos :

frouxo → *frouxoso* (p. 435)
ligeiro → *ligeirioso* (p. 438)
nu → *nuelo* (p. 429)
montanhoso → *montanho*: “dobras de terreno *montanho*”
(p. 412)
fanhoso → *fanho*: “a fala dele era ... um engrol *fanho*”
(p. 401)¹¹
truculento → *truculo*: “o *truculo* de homem” (p. 437)
forasteiro → *forasta*: “vou indo de *forasta*” (p. 406)
estrangeiro → *estranjo*: “entre ele e o *estranjo*” (p. 407)
vicissitude → *vicisse*: “com as suas *vicisses*” (p. 455)
homem → *homenzarrão* → *homenzarro* (p. 390)

(10) Essa mesma distribuição livre bloqueia qualquer condicionamento contextual permitindo a regularização dos sufixos de grau. Exemplos: homem *homão* (p. 460); gavião *gaviãoão* (p. 390); fio *fiinho* (p. 459); quando *quandão* (p. 425); já, jájá *jajão* (p. 430); exclamou *exclamouão* (p. 416).
Já a sufixação a radicais secundários (acumulação) é mais rara: senhora, *senhorinhazinha* (p. 450); bandeira, *bandeirinha*, *embandeirinhar* *embandeirinhando* (p. 436); companhia, *companheiro* *companheira-gem* (p. 432).

(11) *fanho* por *fanhoso* também se ouve no registro coloquial do interior de S. Paulo.

e) Uso de sufixos que entraram na língua por via erudita. A base de maligno e benigno se forma *beligno* (p. 463) por belicoso.

f) Quando a raiz é verbal, usa-se o sufixo para frisar-lhe o dinamismo, caso contrário, anula-se o sufixo optando-se pelo deverbal. Em ambos os casos, evita-se a forma mais esparada. Assim (em vez de *cheiro*, *grito*, *penitência* e *viagem* temos *cheiração* (p. 389) *gritação* (p. 437), *penitenciação* (p. 429) e *viajação* (p. 434) ou, então, *exclama* (p. 391) (< esclamar) por exclamação, *agarre* (p. 394) (< agarrar) por agarramento, *retumbo* (p. 398) (< retumbar) por retumbância, *toa* (p. 457) (< toar) por toada, *ouso* (p. 451) (< ousar) por ousadia, *incho* (p. 460) (< inchar) por inchação, inchamento, *esbarrondo* (p. 453) (< esbarrondar) por esbarrondamento, *coroo* (p. 459) (< coroar) por coroamento, *avexo* (p. 408) (< (a)vexar) por (a)vexação. Deste processo decorrem as formações sem o correspondente sufixal:

desabular → *desabuso* (p. 441) (= esclarecimento)
engrolar → *engrol* (p. 401) (= fala confusa)
mandriar → *mandria* (p. 395) (= vadiagem)
recongrajar → *recongraja* (p. 458) (= reconciliação)

Para os sufixos verbais, a novidade está na combinatória com determinadas estruturas ou classes lexicais que passam a servir de suporte para a sufixação. Merecem destaque:

sempre → *semprar* (p. 436)
tanto → *tantoar* (p. 436)
tribuzana → *tribuzar* (p. 441)
escarcéu → *escarcear* (p. 429)
fuzuê (= desordem) → *fuzuar* (p. 455)
nuvem → *nuvejar* (p. 445) (= andar nas nuvens, distraído)
tarde → *tardear* (p. 411) (= ser tarde)

Quanto às raízes é bom notar que, além daquelas conseguidas pela análise mórfica objetiva, ainda recorre a onomatopéias, empréstimos, ativamento de arcaísmos ou reanálise.

As bases onomatopaicas são atualizadas pelas formas presas ou pela posição no sintagma. Exemplos:

(i) — *gorgolo* (p. 389) — ruído de água entrando num funil ou furna

biló-biló (p. 390) — ruído de água de fonte ou riacho

pipio (p. 423) — pio

gologolão (p. 425) — ruído de água entrando num buraco

o tungo e o vungo (p. 451) — bater de tambores ou caixas

baco (p. 416) — ruído de fechamento da boca muito aberta

gloguear (p. 400) — ruído de garganta, mais ou menos grasnar

dladlar, dlandoar (p. 437) — bater de sino

gruxo (p. 459) — grito (?) de gavião

trinço (p. 403) — pipilo de passarinho

- (ii) — um homenzinho *terém-terém* (p. 397) (= humilde, por causa de seu modo de andar)
diz *pim-pim* (p. 455) — som das cordas finas do violão (aqui = acordes)

Os empréstimos procuram uma essência significativa mais geral:

grimo (p. 397) = feio. Da raiz *grim* ou *grimm* — cf. fr. *grimace* (careta), esp. *grima* (= que causa medo), *grimoso* (= horroroso), it. *grimo* (= rugoso), port. *engrimança* (figura desproporcional).

grava (p. 412) = areia grossa. Vem do gaulês *grava* = pedra, areia — cf. fr. *gravier, grève*, catalão *grava*, veneziano *grava*.

trompagem (p. 450) = confusão, engano. De *tromp* + *agem*. O francês *tromper*, inicialmente *jouer de la trompe* (< *trumpa* = trompa, no antigo alto alemão), tem o sentido de *enganar* desde 1400 mais ou menos. No italiano o mesmo sentido para *trompare* data do século XVI. Em catalão *trompar* (= enganar) deve ser influência do francês.

guturar (v.) p. 390 = voz gutural do gavião. Do latim *gutur* = garganta — cf. port. e esp. *gutural*, fr. *guttural*, it. *gutturale*.

loxia (p. 397) = palavrório, conversa fiada. Parece prender-se ao grego *logos* = palavra.

De arcaísmos provêm *desguisado* (p. 388 = desajeitado) < *guisa*, *assisado* (p. 462 = ajuizado) < *siso*, *jornalado* (p. 426 = trabalhador diarista) < *jornal* (= diário).

A reanálise fornece raízes teóricas pela eliminação de afijos em formas cristalizadas e a metanálise, raízes falsas:

truculento	— raiz: trucul → <i>truculo</i>
poído	— raiz: po(i) → <i>poir</i> (= sujar)
fanhoso	— raiz: fanh → <i>fanho</i>
desmoronar	— raiz: moron → <i>moronar</i>
signu > sino	— raiz: sin → <i>entressinado</i> (p. 420 = assinalado, marcado)
cerimônia	— <i>ceri + monia</i> → <i>falsimônia</i> ¹²

Às vezes, a redução violenta e arbitrária mascara a raiz, tornando-a quase irreconhecível. Talvez seja um expediente que busque a significação fundamental ou depurada.

Há, para o caso, quatro ocorrências, duas atualizadas por prefixos e duas, pelo contexto:

“fazia balaios, mestre no *interteixo*” (p. 403 = entretecido).

“o sobressalto que o verso *transmuz* da pedra das palavras” (p. 456 = extrai, tira).

“e o despenhadeiro, uma *frã* altíssima” (p. 396 = penhasco, pedra, anfracto).

“seres que a pedra copia: o goro ... o *nhã-ã* ...” (p. 427).
interteixo — *inter + teixo*, da raiz de *texere* (= tecer com vocalização e palatização *tex* (= *ks*) > *eix* (cf. *fraxinu* > *freixo*).

transmuz — *trans + muz* — *muz* < *muda* (?).

frã — nasalização da raiz *frac*, de *fractum*, do verbo *frango* (= quebrar, partir com ruído), de que se tira *anfracto*, *anfractuosidade*, *fraga*, *fragor* etc.

nhã-ã — Deturpação propositada de *anhangá*, reduzindo a um esqueleto ou fórmula.

Daí decorre o uso de formas que não chegam a ser morfemas, senão verdadeiros embriões de raízes, fórmulas que traduzem ruídos e gritos de animais, numa estreita aproximação entre o signo e seu referente:

(12) A análise *ceri+mônia* talvez não seja de todo falsa. Forcellini registra *caere* (origem desconhecida) aduzindo parecer daí derivada a forma *caeri(e)monia*. Ernout-Meillet, depois de dizerem que a forma lembra *castimonia* e *sanctimonia*, aventam origem etrusca para o elemento *caere*. J. P. Machado registra *parcimônia* no verbete *parco* (logo, *parci + mônia*); para *cachimônia* supõe *cacho + mônia*; *acrimônia* vem de *acer + monia*. Esses dados permitem a análise *ceri+mônia*, com substituição do parcial *ceri* por *falsi* (*falsimônia*). Aliás, muito mais arbitrário é analisar *estapafúrdio* como *estapa + fúrdio* para dar *estapa-frouzo* (cf. *Primeiras Estórias*, p. 171).

“o rápido *nhar* do gavião” (p. 399)
“o *plem* dele” (p. 400 = batida de sino)
“rechupava um *ooh!*” (p. 400) ¹³

2.2 — Combinatória de formas livres

Matriz II

+ Forma livre + forma livre

A aplicação dessa matriz é livre quer quanto à combinação de classes quer quanto ao número de elementos. A soldagem se faz tanto por justaposição (o mais freqüente — cf. *grito-pio* — p. 424, *falafrio* — p. 425, *vira-mundo* — p. 435) como por aglutinação (cf. *Florduardo* — p. 438, *Sãjoão* — p. 388, *tesconjurar* — p. 406).

Em Guimarães Rosa, esse processo, em si, não é o que produz os melhores efeitos. Limita-se a condensações sintagmáticas pela formação de compostos ainda não dicionarizados, mas facilmente apreensíveis na cadeia falada, o que lhes tira o ar de novidade. Não pode ser comparado com a riqueza do processo anteriormente descrito ¹⁴. Assim temos: *serra-acima* (p. 387), *outra-mão* (p. 391), *por-socorro* (p. 394), *pé-dobro* (p. 396), *calaboca* (p. 423), *tornavoz* (p. 398), *acende-guela* (p. 451), *silamissol* (p. 446), *nenhonde* (p. 404), *gratisdado* (p. 434) etc.

Em todo o caso, ele tira algum proveito da aplicação dessa matriz:

a) Para condensar ou alterar a previsibilidade da seqüência de nomes simples mais freqüentes. Exemplos:

Era uma pessoa *que andava muito a pé* → “era um *sete-pernas*” (p. 388).

Chegaram *ao anoitecer / no crepúsculo* → “chegaram *tarde-noite*” (p. 414) → “chegaram *no sol-se-pôr*” (p. 405).

Quando vinham, terminando a *viagem de volta* → “mas quando vinham vindo, terminando a *torna-viagem*” (p. 411).

Como se tivesse aprendido só na memória o *desenvolvimento* da conversa → “como se tivesse aprendido só na memória o *ao-comprido* da conversa” (p. 422).

(13) Só há três ocorrências em que o sufixo é usado como raiz, ou seja, como forma livre: *inho* e *sinão* (p. 391), *onho* (p. 427).

(14) No inventário, as formas desse tipo não dicionarizadas chegam a 41 para 147 casos de afixação.

b) Para criar contraste paradigmático. Exemplos:

falafrio (p. 425) — associa-se a *calafrio*

vira-mundo (p. 435) — associa-se a *vagabundo*

c) Para chamar a atenção sobre o nome próprio anulando-lhe a neutralidade. Exemplos: *Pulgapé* (p. 395), *Nhazita* (p. 414), *Qualhacoco* (p. 415), *Joãozezim* (p. 414), *Bõamor* (p. 426).

d) Para chamar a atenção sobre o aspecto visual do morfema pela variação ou liberdade gráfica. Exemplos:

malemal (p. 436) e *mal e mal* (p. 458)

ossenhor (p. 399) e *o senhor* (p. 444)

enquanto-é-tempo (p. 436), *contos-de-réis* (p. 448)

e) Para intensificar a raiz por reduplicação. Exemplos:

Afastavam-se de uma vez → “*De vezvez defastavam*” (p. 455).

“*ele renúia vez vezes*” (p. 404).

A grande beleza dos buritis → “*o belo-belo dos buritis*” (p. 459).

Ainda esse processo serve a dois outros propósitos: o entrecruzamento mórfico e o aproveitamento de clichês ou sintagmas automatizados.

As palavras entrecruzadas (*ingl. porte-manteau word*) provêm sempre de aglutinação violenta de formas livres para efeito de acumulação semântica. Não é recurso novo, se bem que tenha chamado a atenção a partir do *Ulisses*, de Joyce. Hoje aparece também na linguagem da propaganda: *maravilhoso + fantástico* → *maravilhástico* — cf. *escularápico* de *esculápico + larápico*) (Millor Fernandes — *Fábulas Fabulosas* — Ed. Nórdica, 1973, p. 91).

Aqui só encontramos *velhouco* (p. 400), de *velho + louco*¹⁵.

Os clichês podem ser ativados ou estilisticamente aproveitados pela conservação de sua estrutura complexa, tomando-se, porém, um de seus elementos como variável. Mas, se a fórmula é $x_1 + x_2 + x_3 \dots x_n$, a regra é a de uma alteração por vez (substituição, anulação etc.). Assim:

pela calada da noite → “*pela calada do dia*” (p. 397).

(15) Guimarães Rosa não abusa desse expediente. Em *Primeiras Estórias* (José Olímpio, 6.ª ed., 1972) encontramos *susurruido* (p. 27) e *lugubruho* (p. 29 — *lúgubre + barulho*); em *Tutaméia* (José Olímpio, 2.ª ed., 1968), *montanhitôniois* (p. 43 — *montanhas à distância*) e *sentimentiroso* (p. 140).

- Aqui del *rei* → “Aqui del *papa!* Aqui del *presidente!*”
(p. 436), “*Del rei! Del rei!*” (p. 407).
daí em *diante* → “daí em *vante*” (p. 406).
ainda *bem* que → “ainda *mal* que ...” (p. 455).
(em) longes *terras* → “em longes *beiradas*” (p. 430).
“em longes *tempos*” (p. 413).
De *sol a sol* → “de *lua a lua*” (p. 459).
Última forma! (voz de comando na linguagem militar) →
“*Contra-forma! Contra-forma!* Olha o enquanto-é-
-tempo!” (p. 436).

2.3 — *Jogo das categorias flexionais*

Os morfemas de flexão constituem um conjunto finito e sua aplicação depende de regras gramaticais explícitas. Regulados pelo contexto, não apresentam, em princípio, interesse estilístico por serem automáticos e previsíveis. Mas, substituindo as regras explícitas por regras gerais do sistema, a previsibilidade se reduz por causa do aumento das possibilidades.

Daí o impacto resultante do contraste entre a forma regular e a nova forma proveniente da aplicação de uma regra geral, e, portanto, mais abrangente.

É o que explica:

a) A extensão dos morfemas de gênero o / a, com conseqüente conversão de uniformes em biformes. Exemplos:

- vespa* → *vespo* (p. 388)
pitosga → *pitosgo* (p. 427)
osga → *osgo* (p. 427)
monstro → *monstra* (p. 390)
macho → *macha* (p. 413)
cão → *cã* (p. 445 = a morte)
pimpão (janota) → *pimpã* (p. 459)¹⁶

Os dicionarizados *criaturo* (p. 399) e *corujo* (p. 455) têm freqüência muito baixa na língua literária.

b) A extensão livre do morfema de plural e o uso de um pelo outro:

(16) O processo se estende às novas formações — cónjuge — conje: “nem conjo nem conja” (p. 401) — e regulariza tipos uniformes: o *garatuja* — o *garatujo* Ap. 397; o *cabecilha* — o *cabecilho* (p. 458 = chefe de bando).

quens (p. 440) → *os quais*.

“gostavam *mesmos* daquelas covocas” (p. 404) → por *mesmo* (adv.).

“e te prostra, cara no chão, *infiéis* publicano” (p. 428) → plural pelo singular.

“em Oéstes” (p. 430) → por *Oeste* (mesmo como nome próprio).¹⁷

c) A flexão verbal é a mais resistente. Afora, *dizeis* (p. 426) por *dizei* (imperativo) que rotularíamos como hiper-correção popular, nada mais ocorre a não ser o uso de formas coloquiais distensas e regionais como *havéra* (p. 393) por *haveria*, *semos* (p. 419) por *somos*, *dixe* (p. 447) por *disse* que, entretanto, valem por escolhas lexicais e não por flexões. Por outro lado, lança ele mão da reduplicação ou combinação de raízes para indicar aspecto iterativo uma vez que o sistema não oferece morfemas típicos para tal fim. Exemplos:

canta-cantando (p. 395)

sobe-descer (p. 399)

2.4 — Valorização do significante

Consiste em fazer ressaltar o aspecto fônico dos morfemas, sem alteração do significado. A princípio tem-se a impressão de mascaramento do significante, mas, na verdade, é uma alternância propositada entre o conservantismo da língua literária e a extrema variedade e complexidade da língua falada. Para conseguir seus efeitos, são chamados a colaborar todos os mecanismos latentes do idioma. A variação do significante torna-se imprevisível pela pluralidade dos processos empregados. Assim:

a) *Metaplasmos* — Admitindo-se que, para o receptor, o início da palavra é mais importante do que o fim, então, para aumentar a carga informativa, frisa-se o começo do morfema e abandona-se-lhe o fim. Daí compreender-se por que os casos de prótese e apócope são mais numerosos (24 e 22 respectivamente), embora também ocorram sete formas aferéticas. Exemplos.

prótese

alimpar (p. 391), *arrevirar* (p. 398), *assossego* (p. 406),
arreside (p. 406), *arreúnam* (p. 435), *azangado* (p. 447),

(17) Deve ser traço popular a anulação da redundância de morfemas de número em *criaçãozinhas* (p. 419) por *criaçõezinhas*.

abastante (p. 414) = *bastante*), *acalor* (p. 407), *alembrado* (p. 418), *apreparo* (p. 418), *alevantou* (p. 439), *arreceber* (p. 407), *evém*, *envém* (p. 425 = *vem*), *encalcase* (p. 417).

O acréscimo-tipo é *a* antes de morfema começado por consoante; *e* parece típico do verbo *vir* e *ẽ* é raro (4 ocorrências). Ainda assim, duas pelo menos, alternam com *a*: *envoar* / *avoado* e *encalcar* / *acalcado*. É difícil decidir se essas formas são coloquialismos mineiros — muitas delas também se ouvem em São Paulo: cf. *alimpar*, *evém*, *arreunir*, *alemburar*, *alevantar*, *arresidir*, *arretirar* etc.

apócope

cabelim (p. 387), *povoadim* (p. 391), *dês que* (< *desde*) (p. 401), *riachim* (p. 408), *Joãozezim* (p. 414) *quand'* (p. 431), *p'r' além* (p. 430) *tiracol* (p. 388) *Laudelim* (p. 395), *passarim superlim* (p. 407), *val a val* (p. 412), *terraplém* (p. 425), *modestim* (p. 435), *razoavelzim* (p. 446), *estribil* (p. 457), *estreitez* (p. 411).

O processo consiste na queda de um som quando o remanescente pode formar sílaba com a vogal anterior. Os casos em /i/, /ẽ/ explicam-se por ajustamento ao sistema fonológico do português que não admitem sílaba travada por consoante nasal — *kabelĩũ* > *kabelĩñ* > *kabeli*; *teraplẽnu* > *teřaplẽn* > *teraplẽj*; o mesmo se dá em *estribilu* > *estribil*. *Desde* > *dês* é estereótipo da locução *desde que* > *dês que*.

Quando e *para* sofrem apócope ao integrarem um grupo de força precedendo palavra começada por vogal: cf. *quand' é que* e *p'r' além*, mas *quando se chega* e *p'ra lá* (p. 434). A ocorrência de *ino* / *iño* / *ĩ* é acentuada, mas não automática — cf. *passarim* e *passarinho* (p. 388), *Laudelim*, mas *Lualino* (p. 458), *Jovelino* (p. 458) e *caminho* (p. 433), *cedinho* (p. 435).

Afora o popular *ocê*, só há aférese em palavras de três ou mais sílabas começadas por vogal: *travessando* (p. 390), *inda* (p. 404), *drede* (p. 412), *doidou* (p. 462), *garrou* (p. 438), *sinalar* (p. 438).

Os casos de síncope não chegam a ser expressivos — *abobra* (p. 402), *coc'ras* (p. 418), *aspra* (p. 428 = *áspera*), *cainana* (p. 295 = *caninana*) e *Cronh'co* / *Crônhco* (p. 431) — como também as metáteses (ex.: *entertido* — p. 443, *per-*

curar — p. 431, *perjúzo* — p. 404), as assimilações (ex.: *ásparo* — p. 407), as dissimilações (ex.: *arubu* — p. 404) e diástoles (um caso só — *pantão* — p. 420). São formações pertencentes, na sua maioria, à língua coloquial distensa onde são comuns a acomodação fônica e a redução da massa formal dos morfemas para ajustá-los à forma canônica da estrutura vocabular da língua (no caso, dissílabos ou trissílabos paroxítonos).

b) *Reaplicação das leis fonéticas* — Refaz o significante aplicando uma vez uma lei fonética da história da língua a uma forma vigente e semi-erudita, completando eventualmente a evolução:

carcamano	>	<i>carcamão</i>	(p. 432)
subterrâneo	>	<i>suterrão</i>	(p. 390)
plano	>	<i>plão</i>	(p. 390)
Floriano	>	<i>Florião</i>	(p. 450)
cognominado	>	<i>conominado</i>	(p. 415)
impacto	>	<i>impeito</i>	(p. 463)

Só uma vez recorre à fonte latina — *perspectu* (= evidente) > *perspeito* (p. 399), como só uma vez refaz falsamente uma raiz *paucta* (p. 399).¹⁸

c) *Jogo fônico* — O caráter neutro da seqüência fônica se quebra pela interferência de formas de intonação específica (exclamações e interjeições), pela combinatória fonemática expressiva (rimas e aliterações), pelo encaixe brusco de falsas raízes, onomatopéias e empréstimos.

As exclamações e interjeições alteram o ritmo não só pela distribuição livre (qualquer posição na cadeia) mas também pela cumulação (seqüência de duas ou mais). Disso resulta o ineditismo fônico da realização frásica. Exemplos:

“*Ih, ah*, que aqui ele estava ficando com raiva” (p. 444).

“Amém, medo, *ah*, isso, e de ninguém ...” (p. 447).

“... eu conseguisse de casar com ela, *ah, ah* ...” (p. 416).

“*Uxe*, me falta é uma tinta,” (p. 417).

“*Ué, uai, eh* ...” (p. 429).

“*Ã-hã-hã* ... Pessoas de criação ...” (p. 416).

“*E-ê-ê-ê-ê-eh*, morro” (p. 399).

(18) Quanto a *lontão* (p. 401) = *longe*, tanto pode prender-se a * *longitanus*, derivado de *longe*, como ser adaptação livre do italiano *lontano* ou do francês *lointain*, ambas presas àquela forma hipotética.

“A tontaria do Coletor? *Patarata!*” (p. 445).

“... é invenção de gente pobre ... Arrengo! *Uma tana*” (p. 444).¹⁹

“A Morte — esconjuro, credo, *vôte vai, câ!*” (p. 445).

“Uma osga!” (p. 462).

Além disso, as interjeições ainda ocorrem em variante livre — cf. *Uxe!* (p. 417), *hum!* (p. 399) e *H'hum* ... (p. 398), *Afa!* (p. 453), *oé?* (p. 434) (por *iche!*, *ufa!*, *ué!*).

As aliterações e rimas, além do apoio rítmico, ainda contribuem para outros efeitos, segundo se queira dar ao relato um tom misterioso ou jocoso ou, então, aproximar o signo de seu referente. Exemplos:

“Ver o outro *espeleu* em sua outra *espelunca*” (p. 409).²⁰

“O caso e a coisa” (p. 404).

“Tudo tá bem, tá lá, Zué? — *Tá lá, tá!*” (p. 441).

“anus, coracóides, que *piam pingos choramingas*” (p. 390).

“Com *pedúnculos* como *tentáculos*” (p. 398).

“Tantoava em *repique* e *repinico*” (p. 437).

“No *sim* por *mim*, velho!” (p. 414).

“O que não é *casório* é *falatório*” (p. 450).

As falsas raízes interrompem o bloco significativo, enquanto as onomatopéias cumprem sua função descritiva. Exemplos:

“*Vad? Fara? Fan?* — e seo Alquiste se levantava” (p. 407).

“A *nhum?*” (p. 427).

“Pegou (o sino) a bedelengar a torto, *dlá* e *dlém*” (p. 437).

“Trabuzando no tambor: *tarapatão, barabão, barabão!*...” (p. 441).

Os estrangeirismos caracterizam personagens: Olquiste, o alemão, insere, no texto, palavras e exclamações de sua língua bem como expressões latinas e gregas que impressionam seus companheiros. Exemplos:

(19) Ele próprio explica que *uma tana!* é xingamento mais feio que *uma ova!* (cf. Correspondência com o tradutor italiano. S. Paulo, Instituto Cultural Italo-Brasileiro. Caderno n. 8, 1972, p. 47).

(20) *Espeleu* é nome de um animal pré-histórico. Aqui vale mais pela aliteração com *espelunca*. O propósito é cabalístico. Cf. “E o Gorgulho pensou que era algum abençoado e fez o em-nome-do-padre.” (logo em seguida à frase citada).

“Seu Olquiste exclamou: — *Ypperst!* E o Catraz, falanfão, não se acanhava com as *altas presenças*.” (p. 416).

“*O! Ack!* glogueou seu Olquiste ... — *Troglodyt? Troglodyt?* inquiria” (p. 400).

“desejando que lhe traduzissem o texto, *digestim ac districtim*, para anotar” (p. 456).

“O senhor Alquist o admirava, dizia: *kalòs kàgathós...*” (p. 457).

O louco Nomindome, obcecado pela religião, entremeia suas falas com palavras e expressões latinas, às vezes deturpadas:

“*méa razão será esta...*” (p. 401).

“*Surso! Surge!*” (p. 429).

“Bendito o que vem *in nômine Dômine*” (p. 435).

“*Orate fratres...*” (p. 438).

Dos tupinismos, só aparece um contraste, para cor local: “num *emboque* (buraco cavado pela água), que alguns têm pelo nome gentio: de *anhanhonhacanhuva*” (p. 390).

d) *Alotropia* — O uso de variantes livres propicia o aumento do grau de inesperado. No caso presente, o imprevisível é levado ao extremo pelo fato de que o autor não se serve simplesmente daquelas variantes previstas nos dicionários (ex.: *cavacar* — p. 390, variante de cavoucar, *balango* — p. 391, variante de balanço, *gaforina* — p. 429, variante de gaforinha, *refrém* — p. 452, variante de refrão etc.) como também as cria por conta própria²¹. Exemplos:

<i>semblar</i>	(p. 387)	por sembrar (= parecer)
<i>arioplãe</i>	(p. 416)	por aeroplano
<i>ananho</i>	(p. 399)	por anano, ananico, nanico
<i>barboqueixo</i>	(p. 419)	por barbicacho
<i>adiente</i>	(p. 417)	por adiante
<i>carróço</i>	(p. 417)	por carroça
<i>estique</i>	(p. 450)	por estica
<i>bogalho</i>	(p. 398)	por bugalho (aqui: conta de rosário)

(21) Das 33 ocorrências no inventário, 18 são dicionarizadas e 15, não. Talvez o ponto de partida destas esteja nas estropiações fônicas próprias da língua falada como em *munho* (p. 433 = moinho); *serraino* (p. 399 = serrano); *rumitar* (p. 405 = vomitar) etc.. Lembre-se de que as 18 outras são, na sua maioria, formas populares — *gomitar* (= vomitar), *menhã* (p. 419 = manhã), *lubrina* (p. 443 = neblina).

Esse recurso ainda se enriquece pela realização concomitante das variantes possíveis e não só pela opção por uma delas, como nos exemplos citados. Assim, temos *gomitar* e *rumitar* (p. 405), *sino-saimão* (p. 428), *cinco-salmão* (p. 444) e *signo-de-salomão* (p. 453), *seo Alquiste* (p. 387), *sê Ziquia* (p. 417), *seô Tolendal* (p. 434), *Siô Tico* (p. 445).

A variação livre do significante ainda serve aqui para anular a neutralidade dos nomes próprios:

Laudelim (p. 453), Laudlim, Laud'lim, Lau'dlim, Laau-d'-lim'm (p. 452).

Ivo Crônico (p. 414), Ivo Crônico, Cronh'co, Cronhco (p. 461).

Torontonho, Torontõe, Trontõio (p. 430).

Malaquia (p. 398), Malaquias (p. 397).

Alquiste, Olquiste, Alquist (p. 387).

Nomindome (p. 435), Nominedômine (p.462), Nomendomen (p. 387) ²².

3 — Aproveitamento estilístico dos recursos mórficos

No item 2 procuramos descrever o mecanismo morfológico que serve de base para a criação do *texto estilístico*. Lembre-se, porém, que tal só se dá quando:

1.º) As formas criadas ou escolhidas no acervo lexical da língua contrastam com outras tidas como neutras que podem estar tanto no espírito do leitor como no próprio texto servindo de suporte sêmico da narrativa. Assim, ao lado de séries como *refazer*, *recalcar*, *rebrilhar* temos uma outra resultante do não ajustamento semântico ou mórfico entre a raiz e o afixo. Exemplos: *repular*, *revir*, *rebeber*, *remelhor*, *reconforme*, *realegre*.

2.º) As formas são cunhadas especialmente para a circunstância ajustando-se a um contexto específico e, portanto, neutralizando-se fora dele. Exemplos: Tipos como *corrigimento* (mais ou menos correção), *imaginamento* (mais ou menos ima-

(22) Aliás os nomes próprios têm duplo tratamento. Quanto ao significante não apresentam constância fônica nem gráfica e quanto ao significado formam um campo notional — os astros — disfarçado pela sufixação a raízes ou formas gregas, latinas e vernáculas. Essa correspondência astrológica talvez se deve ao desejo de frisar a crença popular da influência dos astros na vida das pessoas. Assim, quase todos os integrantes da comitiva bem como os donos das fazendas visitadas, têm nomes derivados de nomes de astros: Da raiz *jov* (= Júpiter) tem-se *Jove* e *Jovelino*; de *ven* (= Vênus), dona *Vininha* e *Veneriano*; de *mart* (= Marte), *Marciano* e *Martinho*; de *hélios* (= Sol), *Hélio* Dias Nemes; de *Apolo* (= Sol), *Hermes* (= Mercúrio) e *Selene* (= Lua) temos *Apolinário*, nhô *Hermes*, nhã *Selena* e João *Lualino*.

ginação), *dereitamente* (mais ou menos diretamente) só têm um valor estilístico dentro do contexto, sendo usados no registro coloquial distenso sem nenhum matiz intencional.

O texto que estamos analisando impõe-se ao leitor por tal riqueza de expedientes mórficos que, não raro, provoca acumulação de estímulos estilísticos como nesta passagem — “Da gameleira, o *passarim superlim*” (p. 407) — onde se frisa o sintagma pela seqüência de duas apócopies, se intensifica o adjetivo pelo prefixo *super* e se cria ritmo pela repetição (rima).

Da variedade de recursos morfológicos usados, resulta:

1.º *Densidade* — A primeira conseqüência da economia sintagmática é a densidade semântica que cria a concisão e a propriedade, aqui entendidas em termos exclusivamente contextuais. De fato, a *ilusão da palavra exata* nasce da adequação do morfema ao texto. Exemplos:

O riso da coruja *muito má* → “O rir do corujo *vismau*” (p. 455).

A lua havia-se *tornado grande*, clara → “A lua havia, *grandada*, clara” (p. 457).

O frade *tirou do bolso* o rosário → “O frade *desembolsou* o rosário” (p. 409).

O *senhor* é um homem *que tem muito dinheiro* → “*Ossenh*or é homem *dinheiroso*” (p. 417) .

2.º *Expressividade* — Nascidos da intensificação do sintagma por alguma ruptura mórfica, são particularmente expressivos os sintagmas que procuram efeitos emotivos, pitorescos, descritivos e/ou concretizantes. Exemplos:

emotivo — “o *fiúme* de um *riachinho*” (p. 390).
“(o riacho) *rebrot*a *desengulido*, a água já filtrada, num *bilo-bilo* fácil” (p. 390).

pitoresco — “Vamos, vamos: *p'r'a* igreja! Todos me acompanhem. *Aqui del papa! Aqui del presidente!*” (p. 436).

“*Ossenh*or saiba: *nem conjo*, *nem conja* — *méa* razão será esta...” (p. 401).

descritivo — “uma caverna a *cismorro*, no ponto mais *brenhoso* e feio da serra *grande*” (p. 401).

“enfim deixasse alto o *cogulo*, sem o *rasourar* com a borda da mão” (p. 417).

concretizante — “um anu-branco *chorró-chorró-cantando* no ramo da *cambarba*” (p. 420).

“*tribuzando* no tambor: *tarapatão, barabão, barabão!*...” (p. 441).

3.º) *Tom metonímico* — Uma das marcas do estilo rosiano é seu caráter metonímico, ou seja, a construção do texto a partir de *associações por contigüidade*: uma palavra ou construção praticamente puxa outra já por sua estrutura fônica, já por seu conteúdo semântico, já pelos dois. É muito comum o termo estilisticamente marcado estar contíguo a outro funcionando como tradução ou remissão. Exemplos:

“fios de *estadal*, de *cera benta*, *cera santa*” (p. 389).

“... a *coruja-branca-de-orelhas*, *grande mocho*, a *estrige* cor de *pérola*” (p. 389).

“*casacão comprido demais*, com *gualdrapas*, uma *borjaca* que de certo tinha sido de dono outro” (p. 397).

Esse tipo de estilo tem como conseqüência primeira a sobrecarga de isotopias, intolerável não fosse a variedade de meios como se expressa. Assim, no caso da morfologia, toda a mecânica concorre também para esse efeito, mas vale a pena ressaltar que esse mesmo mecanismo varia ainda quanto às suas condições de aplicação no intuito de se conseguirem *estímulos estilísticos*. São algumas delas a repetição, a antecipação e a acumulação.

Repetem-se afixos, radicais ou fonemas para criar ritmo ou frisar valores semânticos:

“O homem dava *rebate*, *rebimbo*, *dobrava* que *redobrava*” (p. 437) [d-b, b-b, d-b, d-b].

“Um *regato flui-fim*, que as *pedras olham*” (p. 403) [= que *escorre* um *fiozinho dágua*].

Outras vezes o efeito procurado funciona por retroação sobre um sintagma que, à primeira vista, poderia parecer neutro. Falando da dança dos urubus, diz “um figurado de *dansa*, de *pernas moles*, *despés*, *desesticados* como de um *chão queimante*” (p. 405). Na realidade, o efeito previsto (visual, concretizante) está em *pernas moles* que se atualiza estilisticamente pelo esmiuçamento descritivo de formações como *despés* e *desesticados* — parece que os urubus não têm pés (eles estão encolhidos) e, por conseguinte, têm as pernas moles. Outros exemplos semelhantes:

“*se separou* e *desviou* deles” (p. 433).

“um exagero de *homem-boi*, um *homão* desses” (p. 460).

Outro tipo de repetição é aquele que poderíamos rotular como a dos *sintagmas temáticos*, isto é, a volta de determinados temas através dos mesmos elementos mórficos levemente alterados e/ou em combinações diferentes. Por exemplo, o velho doido que também recebe o recado do morro é personagem importante dentro da paisagem sendo sua loucura religiosa acentuada pela expressão *em nome de Deus* várias vezes retomada desde a sua primeira aparição até chegar a seu apelido²³:

“Bendito! que evém em nome em d’homem” (p. 425).

“Bendito, quem envém em nomindome” (p. 425).

“Bendito, o que vem in nômime Domine” (p. 426/435).

“aquele homem por nu — o Nomindome” (p. 430).

“Seu nome em Deus, ninguém não sabia” (p. 430).

“Era o homem doido — aquele Nominedômine!” (p. 435)

“e nem esperava por mais nada, para executar o danado avanço, de déu em déu, em nome de Deus” (p. 436).

As construções muito elaboradas por artifícios mórficos podem neutralizar-se por perderem os efeitos de contraste, além de se tornarem herméticas. No caso presente, a acumulação não corre tal risco primeiro porque tem um objetivo bem definido e, segundo, porque a variação mórfica é levada, então, ao extremo. Exemplo: “Vez em quando, batia o vento — girava a poeira brancada, feito moído de gesso ou mais cinzenta, dela se formam vultos de seres que a pedra copia: o goro, o ondo e o saponho, o osgo e o pitosgo, o nhã-ã, o zambezão, o quibungo-branco, o morcegaz, o sobre-lobo, o monstro homem” (p. 427).

A passagem vale pela sugestão fantasmagórica — descreve-se um lugar desolado onde o vento, agitando a poeira esbranquiçada, forma monstros apavorantes. Para tanto são usados quase todos os recursos morfológicos:

goro (ser informe, inacabado, gorado) — deverbais;

onho (o que infunde terror). De *med-onho*. Forma presa tornada livre;

saponho (sapo medonho, megabatrâquio) — entrecruzamento mórfico;

osgo (lagartixa gigante) — troca de gênero: fem > masc.;

nhã-ã (espírito do mal) — esqueleto de raiz (< anhangá);

(23) O autor aproveita para cognominá-lo *Nomindome*, mas seu apelido popular era Jubileu ou Santos Óleos (cf. p. 430).

zambeão (monstro africano) — aumentativo do nome do rio Zambeze, tornado nome comum (cf. *zambezonho* = tristonho, funesto — no Cara-de-Bronze, p. 574) etc.

Para frisar a beleza da música, serve-se ele de uma seqüência isotópica assim construída: “Valia a pena por tanta *saboria de sonância*, e o *gloriado* daquele *descante*, as grandes palavras” (p. 455). A figura belicosa de um personagem cresce em nossa imaginação diante de uma seqüência como esta: “e Pê com medonhos gritos *moronava* por de entre eles, *beligno*, *eh*, *Rei*, *duelador!*” (p. 463).

IV — Conclusão

1 — Até aqui procuramos demonstrar como a aplicação de matrizes morfológicas produz estilo. Resta saber em que medida elas operam. Se levarmos em conta que 68% das estruturas levantadas (355 em 529) não são dicionarizadas²⁴, poderemos logo dizer que uma das marcas do estilo rosiano, sob este aspecto, é a cunhagem pessoal. Para tanto, ele se serve praticamente de todos os recursos morfológicos da língua, dentro, porém, de uma ordem de preferências. Assim, a matriz I é muito mais produtiva do que a matriz II e ambas, mais que os outros processos individualmente considerados. É o que demonstra o quadro abaixo:

Afixação (Matriz I)	147
Composição (Matriz II)	42
Metaplasmos	32
Flexão	26
Deverbais	16
Alotropia (+ Variante de Nome Próprio)	39
Formas Simples	25
Sufixos Livres	3
Truncamento	11
Lexicalização de Interjeição	14
Total	355

(24) Considero como não dicionarizado qualquer item léxico que não tem entrada num dos seguintes dicionários:
Morais e Silva, A. — Grande Dicionário da Língua Portuguesa. 10.^a ed., Lisboa, Ed. Confluência, 1949 (12 volumes).
Prado e Silva, A. (orig.) — Novo Dicionário Brasileiro Melhoramentos. 2.^a ed. revista, São Paulo, Ed. Melhoramentos, 1964 (4 volumes).
Ferreira A. B. H. e Luz, J. B. (superv.) — Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. 10.^a ed., São Paulo, Ed. Nacional, 1972.

Além do jogo das matrizes, pode-se verificar que a preocupação com alterar o significante (metaplasmos, alotropia) é muito maior do que a de jogar com flexões ou conseguir condensações léxicas por truncamento, uso de formas presas como livres ou ainda a busca de formas simples.²⁵

2 — A análise de 76 páginas de prosa nos forneceram elementos para caracterização do estilo rosiano que, entretanto, só será definitiva a partir de um levantamento da obra toda e abrangendo também os demais níveis da estrutura lingüística, ou seja, a fonologia, a sintaxe e o léxico em sua totalidade. Como o estilo resulta sempre de elaboração pessoal, é preciso verificar em que proporção ele abrange esses níveis.

3 — Talvez seja a morfologia a que mais propicia a Guimarães Rosa, o exercício de sua imaginação desenfreada, para desespero de estilicistas e tradutores, como no caso daquele *catafracto* (Uma História de Amor — p. 204) alusivo a galinha de angola, cuja voz “tô-fraco” (forneceu-lhe a raiz *frac* que, associada ao latim *cataphractus* (= encouraçado de ferro, vestido de armadura), produziu *catafracto*, estranha condensação audio-visual do aspecto físico da ave e de sua voz. Ou, então, o *Moimeichego* (personagem do Cara-de-Bronze), que é a tradução do pronome *eu* para o francês, alemão e latim (moi + me + ich + ego).²⁶ Como ele próprio admitia, a invenção é um demônio sempre presente, o que leva o analista a barreiras às vezes intransponíveis, não tanto por causa do valor semântico, sempre apreensível pelo contexto, mas por não conseguir identificar a fonte dos elementos mórficos em jogo. Alguns exemplos:

“um anu-branco *chorró-chorró-cantando* no ramo da camarbarba” (p. 420) — *chorró* é, no Nordeste, denominação onomatopaica de uma ave.

vaqueão (p. 396) — No Rio Grande do Sul, *vaqueano* é o vaqueiro conhecedor de caminhos.

falanfão (p. 416) = falante, falador. A raiz é de *falar*, mas deve prender-se aos jogos rimados infantis do tipo véia, *dugudéia*, chico, mico, *lambico*.

(25) Forma simples é a que corresponde à estrutura raiz + atualizador léxico e resulta já da lexicalização de interjeições e onomatopéias (ex.: *afai*; um *ooh*; o *dla* e *dlem*; o *plím*) já de alguma outra procedência (ex.: *mujo*, *grimo*, *grava* etc.).

(26) Esses esclarecimentos são dele próprio em carta a Bizzarri (cf. Correspondência, p. 40 e 71).

glude (p. 421) = carne de cágado. Talvez seja variante de *grude*, a carne que fica “grudada” ao casco do bicho.

loxia (p. 397) — palavreado. Talvez se prenda à raiz *log*, do grego *logos*.

Não consegui nem formular uma hipótese para *regonguz* (p. 427 — nome de um monstro), *gruxo* (p. 459), *solsim* (p. 389), *mujo* (p. 429), *prasápio* (p. 415).

4 — Já se tem falado em calagem, montagem da literatura moderna. Isso por transferência de técnicas de outras artes como o cinema, a pintura, a escultura. Se se entende por colagem o uso de fragmentos de diversas procedências que, conservando sua individualidade, produzem efeitos novos quando montados, então não é propriamente o que faz Guimarães Rosa. O resultado parece mesmo uma montagem, mas os fragmentos não resultam de cortes arbitrários: são sempre afixos ou raízes reais ou virtuais, conservando-se-lhes a classe de posição. Por outro lado, a “montagem” obedece sempre à mesma regra de estrutura profunda, até mesmo quanto ao número de aplicações. Exemplos:

- 1) *Situação* — fala de um riozinho que entra por interstícios nas pedras e continua do outro lado.
Fragmentos — *des* — prefixo de valor negativo
engul — raiz (ex.: engolir)
-ido — sufixo (particípio passado)
Ocorrência — “onde rebrota (o riacho) *desengulido*, a água já filtrada” (p. 390).
- 2) *Situação* — fala das chapadas com chanfraduras irregulares.
Fragmentos — *des* — prefixo negativo
regr — raiz, variante de *regular*
-al — sufixo (=relativo a — oval, teatral)
Ocorrência — “o chapadão de chão vermelho, *desregal*” (p. 412).
- 3) *Situação* — fala de terras que têm vales do mesmo tipo.
Fragmentos — *con* — prefixo (= associação, contigüidade)
val — raiz
-ar — sufixo (= relativo a)
Ocorrência — “seguiam por terras *canvalares*” (p. 423).

5 — Sendo regular a aplicação das matrizes, não cabe falar de agramaticalidade das estruturas assim obtidas. De fato, a combinatória está prevista no sistema de modo que a função dos morfemas não se altera. De ponto de vista da aceitação, caberia lembrar que ela é uma questão de grau condicionada ao ajustamento contextual e, no caso presente, definida pela finalidade — criar contraste entre formas neutras e formas estilisticamente marcadas. Diante de formações como *desesticado* (por encolhido), *maravilhal* (por maravilhoso), *homão* (por homenzarrão), *estribil*, por estribilho) etc. não se preocupa o leitor em saber se constituem ou não “desvios” de uma provável norma, mas concentra-se no efeito que elas buscam.

6 — É realmente muito difícil aceitar o estilo como um desvio da norma, primeiro por não se poder rotular como desvio aquilo que é potencial no código e, segundo, por não se saber qual é a norma que, mesmo quando determinada, varia muito com as épocas e com os gêneros literários. Por exemplo, num período de purismo vinculado à história literária da língua escrita, a gramática normativa tradicional dita as regras de elegância formal: a norma está no uso clássico, naqueles autores que o grupo convencionou chamar de “mestres do idioma”. É daí que provém o conceito de *estilo castiço*, abrangendo a expressão tudo aquilo que encontra abonações nos clássicos. Neste caso, a oposição bom / mau estilo se define em termos extra-lingüísticos na diferença entre *clássico* e *vulgar*, englobando este último termo todas aquelas manifestações comezinhas do falar cotidiano. Ora, é fácil perceber o grau de esclerose a que chegaria a língua literária, se tal atitude não mudasse no tempo e no espaço. Estamos, felizmente, atravessando uma época em que, afora os exageros inflacionários, a língua literária está se renovando graças ao poderoso manancial fornecido por toda e qualquer manifestação da língua.

Só a seiva vivificadora do registro falado fornecerá meios eficazes de criar estilo. E aí Guimarães Rosa ocupa lugar de relevo.